

Júlia Guedes/Divulgação

Um cometa setentista

Novo álbum do mineiro Marcelo Kamargo traz influências do Clube da Esquina, Tropicália, MPB dos anos 1970

“Cometa” é o título do sexto trabalho de Marcelo Kamargo, compositor, violonista e intérprete mineiro. Neste novo projeto, o artista se reconecta com suas referências do Clube da Esquina, Tropicália e da MPB dos anos 70. Marcelo investiu na sua criatividade, buscando o universo musical e poético como porto seguro, para pavi-

mentar um caminho para as novas canções, que foram incluídas, primeiramente, no álbum “Louvação” (2023) e, agora, no novo trabalho.

As canções deste novo álbum, lançado pelo selo Kuarup, trazem reflexões sobre a solidão, a esperança, o poder do amor como força para pavimentar os caminhos para a felicidade.

Kamargo surpreende pela versatilidade e domínio dos variados



gêneros e ritmos da MPB. Ele, que já trilhou pelas raízes da música mineira, desde o vale do Jequitinhonha

até o Clube da Esquina, nos discos “Clarão da Noite” (2001) e “Zerundá” (2004), e lançou um disco eclético “Além do Sol” (2008), flertando com o pop e o jazz latino, voou livre, também, no inusitado disco “Samba é Amor” (2021), elogiado pela crítica, em virtude do resgate do verdadeiro samba raiz em suas variadas vertentes.

E, agora, como complemento de sua imersão na seara da nova

MPB apresenta um álbum repleto de referências de suas influências advindas do rock e pop nacional setentistas forjado por Raul Seixas, O Terço, Mutantes, Rita Lee, Sá & Guarabira, Azimuth e Roupas Nova entre outros.

Ricardo Gomes, amigo e parceiro de Marcelo Kamargo, comandou os arranjos, produção musical e assina, ainda, os baixos, violões, guitarras, pianos e coros do álbum. O disco músicos Léo Pires e Ivan Bahia (baterias e percussão), Christiano Caldas e Lucas de Moro (teclados) e Fillipe Glauss (guitarra). As cantoras Ana Espí e Luísa Espí dividem com Kamargo as participações especiais nas interpretações.

“Cometa” é, metaforicamente, dois lados de uma mesma moeda. Se por um lado apresenta canções onde o DNA do Clube da Esquina pode ser percebido subliminarmente nas harmonias e melodias tais como “Chuva Arada”, primeira parceria de Marcelo Kamargo com o poeta mineiro Kaique Fortes, de outro lado, mergulha com vigor nas referências da sonoridade progressiva das bandas do rock nacional nos anos setenta, na faixa-título e em “Talvez”, “Meu Lugar”, “Criações da Noite”, “Noite Vadia”, “Sapato Velho” e “Meus Guardiões”.

CRÍTICA / DISCO / UKELELE HARMONIES LIVE IN NITEROI

Por Aquiles Rique Reis*

Almas musicais

Hoje trataremos de um álbum que me chamou a atenção: Ukulele Harmonies Live in Niteroi (independente), gravado por João Tostes e Vinícius Vivas. Primeiro, fiz contato com o Tostes e perguntei: “O que o levou a fazer do ukulele um instrumento pra chamar de seu? A afinação? A beleza do som?”.

Ele respondeu. “O som da afinação reentrante do ukulele é encantador e, juntamente com os resultados positivos que obtive tanto nas questões educacionais quanto nas artísticas, o ukulele passou a ser meu instrumento principal (...).”

O CD tem Tostes (ukulele tenor) e Vinícius Vivas (ukulele tenor, ukulele barítono e ubass), mais o convidado Leandro Donato

(ukulele tenor e ubass). Produção musical, executiva e direção musical couberam a João Tostes, já os arranjos são todos dele e de Vivas.

E assim o show começa. O lindo Teatro Municipal de Niterói ferve, entusiasmado com os instrumentos que ouve. A sonoridade dos ukuleles vibra numa catarse meio mântica que a todos incita pelo imprevisível. Ouça em <https://acesse.dev/7SpSY>.

Timbres e texturas saltam no ar – a gravação capta a atmosfera do palco. Uma integração absoluta é sentida a cada arpejo. A cada acorde, é como se o mundo se enchesse de opções harmônicas. E as salas (do Teatro e a minha) vi-



bram na frequência das cordas que fluem pelas mãos dos uquelelistas. O repertório plural tem títulos originais, clássicos brasileiros, internacionais e temas marcantes do ukulele. Eis alguns.

“Maria Madalena” (João Tostes): o tema é delicado, a sonoridade é única, a empatia é imediata.

Improvisos realçam a magia dos instrumentos nas mãos de Tostes e Vivas, eles que protagonizam esta e as próximas quatro músicas.

“Piano Forte” (Jake Shimabukuro): os instrumentos dialogam. Francamente solidários, demonstram afinidade musical, virtuosa e sincera. O dedilhado das cordas enseja a vibração harmônica do tema.

“Xote Sem Rumor” (Felipe Moreira e João Tostes): os instrumentistas estimulam a plateia a cantar o refrão. Ukulele e coro clarificam o congaçamento que, àquela altura, voa no ar.

“Tema Pro Bem” (Diogo Fernandes e João Tostes): o suingue molda o tema. Como experientes

timoneiros, Tostes e Vivas levam a nau por mares seguros.

“Marakatuque” (Diogo Fernandes e João Tostes): o som rola ainda mais convincente. A sonoridade é única, a tessitura, esplêndida, bem como contagiante é a melodia. Os meninos sabem como fazer de seus instrumentos um porto seguro para quem os ouve tocar, o que fazem como poucos, pioneiros que são.

“She’s Leaving Home” (Lennon e McCartney): a empatia com a plateia segue franca. Vinícius Vivas sola no seu ukulele.

Embalados pelo virtuosismo, a dupla carrega nas mãos a magia que povoa suas almas musicais. Com elas conquistam o público e se impõem diante do mercado musical atual.

*Vocalista do MPB4 e escritor